

ANTROPOFAGISMO POLÍTICO OU CANIBALISMO POLÍTICO MODERNO? PRÁTICAS SIMBÓLICAS E FIGURADAS COMO INSTRUMENTOS DE APROPRIAÇÃO DO OUTRO E DE SUAS QUALIDADES, UM ENSAIO

POLITICAL ANTHROPOPHAGISM OR MODERN POLITICAL CANNIBALISM? SYMBOLIC AND FIGURATIVE PRACTICES AS INSTRUMENTS OF APPROPRIATION OF THE OTHER AND THEIR QUALITIES, AN ESSAY

Marcelo Barboza Duarte*

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

A presente discussão faz parte de um ensaio envolvendo antropologia, filosofia, sociologia, ciência política, historiografia, psicologia, filosofia política e dentre outras áreas ou campos de estudos. Dessa forma, sob a abordagem e enfoque de tais áreas ou disciplinas, isso com novos olhares, reflexões e perspectivas, temos como fulcro nos deter, observar, analisar, refletir e extrair importantes e relevantes conteúdos da prática antropofágica – que já fora uma prática literal, simbólica e figurada na história de muitas sociedades humanas. E que atualmente continua em vigor e em voga com suas manifestações figuradas e simbólicas. Ou seja, o antropofagismo, de alguma forma, não deixou de existir entre as sociedades humanas. Seja direta ou indiretamente. Cabe informar que não estamos seguindo ou sendo influenciados pelas perspectivas do movimento modernista motivado por Oswald de Andrade e outros. Mas sim de que estamos realizando certas reflexões pela ótica das disciplinas mencionadas, sobretudo como uma espécie de análise pela Ciência Política. Tanto de tal prática de antropofagismo ao longo da história humana, seja literal, figurada e/ou simbólica – quanto suas práticas na contemporaneidade. E, dessa forma, relacionando antropofagia, política, poder, controle e economia, isso por meio e através da questão problemática e norteadora provocativa: Antropofagismo Político ou Canibalismo Político Moderno? Práticas simbólicas e figuradas como instrumentos de apropriação do outro e de suas qualidades, um ensaio.

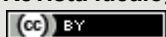
Palavras-chave: Antropofagia; Política; Poder; Historiografia; Modernidade; Ciência Política; Antropologia.

ABSTRACT

This discussion is part of an essay involving anthropology, philosophy, sociology, political science, historiography, psychology, political philosophy and other areas or fields of study. Thus, under the approach and focus of such areas or disciplines, with new perspectives, reflections and possibility, we have as our focus to stop, observe, analyze, reflect and

Artigo recebido em: 13/11/2024. Aceito em 21/12/2024.

Revista Idealogando, Recife, v. 8, n. 1, p. 3-13, 2024, Universidade Federal de Pernambuco



Este artigo está sob uma [Licença Creative Commons 4.0 Internacional - CC BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

extract important and relevant content from the anthropophagic practice - which has already been a literal, symbolic and figurative practice in the history of many human societies. And which currently continues to be in force and in vogue with its figurative and symbolic manifestations. In other words, anthropophagism has somehow not ceased to exist among human societies. Either directly or indirectly. It should be noted that we are not following or being influenced by the perspectives of the modernist movement motivated by Oswaldo de Andrade and others. Rather, we are carrying out certain reflections from the perspective of the disciplines mentioned, above all as a kind of analysis by Political Science. Both the practice of anthropophagism throughout human history, whether literal, figurative and/or symbolic - and its practices in contemporary times. And in this way, relating anthropophagy, politics, power, control and economics, through the problematic and provocative guiding question: Political Anthropophagism or Modern Political Cannibalism? Symbolic and figurative practices as instruments for appropriating the other and their qualities, an essay.

Keywords: Anthropophagy; Politics; Power; Historiography; Modernity; Political Science; Anthropology.

* Marcelo Barboza Duarte, Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ, mbduarte@id.uff.br.

INTRODUÇÃO

O filósofo Aristóteles (2004) nos informa que a espécie humana são seres sociais e políticos por natureza – onde somente deuses e feras ou monstros podem viver fora dessas condições, naturezas e aspectos. Talvez nem mesmo os “deuses e monstros” possam surgir, existir e viver fora da sociedade, já que para se manterem existindo necessitam ter contato com sociedades, culturas e povos. O Autor (2020) seguindo a perspectiva aristotélica nos comunica que a espécie humana não é dada à vida e ações políticas apenas pela natureza e certas condições, mas sim que a espécie humana é “essencialmente” social e política. Essa noção, concepção e perspectiva abarca não apenas as dimensões biológicas de tal espécie, mas também suas dimensões psíquicas, subjetivas, objetivas, ideais e talvez até mesmo para uma ontologia do ser humano como ser social e político.

E como isso se relaciona com a questão antropofágica? Tanto em suas práticas literais quanto nas figuradas e simbólicas? Ora, a espécie humana como ser social e política, seja por natureza ou essência, luta pela própria sobrevivência e existência – tanto coletivamente quanto individualmente, tanto com e pela razão, sensação e instintos. O que significa que todas as ações

individuais e coletivas buscam objetivos e a atenderem anseios e necessidades diversas.

Dessa forma, até mesmo as práticas antropofágicas que surgiram em épocas antigas, talvez bem remotas – e em diversas sociedades, culturas e processos históricos, continuam sentidos, objetivos e significados compreensíveis e incompreensíveis. Mas que não deixaram de ser atitudes “políticas.” Políticas não no sentido de “instituições ou partidos” como compreendemos na contemporaneidade. E sim políticas no sentido de deliberações subjetivas, objetivas e com a objetificação do outro. O que simultaneamente é política sobre o outro quanto poder e controle sobre ele.

Sendo assim, antes precisamos compreender o que é antropofagia e contextualizá-la nos processos sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos. E após sua relação com a política tanto no sentido restrito quanto amplo. Ou seja, a antropofagia como uma forma de poder, controle e apropriação do outro, de suas qualidades e certas características dele.

A prática do antropofagismo no sentido literal da palavra assim como no sentido simbólico e figurado, foram e em parte ainda são uma prática comum em quase todas as sociedades e tempos sociais, culturais, místicos, religiosos, econômicos, políticos e históricos. É evidente que não podemos generalizar. Assim como precisamos especificar e contextualizar esses termos e suas práticas literais, simbólicas e figuradas. O que são quase inúmeras em seus vários sentidos, tipos, significados, modos, âmbitos, formas e aspectos. Ou seja, há nos processos históricos da espécie humana desde o antropofagismo literal e figurado ao simbólico, do religioso, místico, cultural e como “passatempo” ao político. Será o que refletiremos a partir daqui.

Também precisamos desde já informar que o canibalismo ou antropofagismo geralmente sempre esteve envolto por práticas místicas, mágicas, políticas, religiosas e culturais, assim como o canibalismo como um certo tipo de “passatempo,” ainda que isso soe estranho, cruel e talvez desumano. Mas é um fato, e é real. Humanos devorarem humanos como passatempo e ato místico etc. Os canibais das sociedades modernas que o

digam. Porém, muitos dos sujeitos praticantes do canibalismo literal e como passatempo talvez já estejam mortos ou presos.

Entretanto, essa prática é bem antiga, assim como veremos. Desse modo, fica desde já informado e esclarecido que a prática do canibalismo não é nova, recente e nem se restringe apenas ao aspecto e âmbito cultural, social, místico e religioso, mas também ao aspecto e âmbito político, econômico, militar e de relações de força, domínio, controle e poder sobre o outro-vítima com fins e objetivos aos outros ou coletivo em geral.

Também precisamos deixar claro que a reflexão em tela não é uma apologia ao antropofagismo, mas análises importantes e relevantes que ligam tais práticas também ao campo político e econômico, e não apenas aos estudos antropológicos, religiosos, psicológicos, sociológicos, psicanalíticos e dentre outros.

Assim sendo, há vários tipos, modos, aspectos e formas de canibalismos ou antropofagismos, como já mencionado, desde o sentido literal e simbólico ao figurado. A exemplo, há o canibalismo cultural, institucional, físico-corporal e dentre tantos outros. Aqui nós nos debruçaremos apenas e especificamente no canibalismo político, talvez essa seja uma nova ou antiga prática. E será o que iremos refletir, mas sem fechar o assunto e/ou a discussão em debate. Até porque tal prática em quase todos os sentidos, âmbitos, aspectos, modos, tipos e sentidos ainda podem ser percebidas nas sociedades, logo, evidentes e em pleno exercício ou efetividade nos coletivos sociais, suas estruturas e culturas multiformes e multifacetadas. Veremos que o antropofagismo é bem real, atual e factual.

CONTEXTUALIZANDO O TERMO – CANIBALISMO E ANTROPOFAGISMO

O termo canibalismo foi amenizado ou suavizado por outro termo, antropofagismo ou antropofagia, e que não são práticas novas e nem verificadas apenas entre os povos africanos e indígenas, fatos e práticas comumente atribuídas à apenas a esses dois povos e suas respectivas culturas, isso por parte de e entre sujeitos alienados, etnocêntricos, néscios,

incultos e incautos. Ou seja, o Canibalismo, ou de forma eufemista mais suavizada, o antropofagismo ou a antropofagia foi, na verdade, uma prática bastante antiga e evidenciada entre muitos povos, culturas e sociedades que atualmente são consideradas como supostos povos, culturas e sociedades civilizadas e/ou altamente civilizadas. Talvez muito “cultas e educadas.”

Ora, o próprio termo antropofagismo ou antropofagia é de origem grega antiga, o que significava a prática de comer carne humana ou de sua espécie, sendo de um indivíduo ainda em vida ou morto.

Assim, podemos dizer que esse termo já era utilizado por volta ou entre os séculos VIII-III a.C., ou seja, há quase 2.800 anos, e a prática em si era bem mais antiga do que o termo cunhado, isso pelos gregos ou com a formação dos povos gregos – digo a nomenclatura de ou do canibal para a antropofagia ou o antropofagista – ou seja, como aquele que comete o ato de comer partes ou seres humanos por inteiro, vivos ou mortos, em rituais ou não.

Logo, a antropofagia, se origina no ou do antropos = humano + fagia = comer, que se constitui em um ser humano “comer, devorar ou consumir” outro da mesma espécie. Não necessariamente o se alimentar de. Mas o simples fato de o comer. Uma vez que há evidências de casos em que a vítima não era um alimento em si e direto a outro ser humano, que o comia ou o devorava, mas sim um alimento direto dos deuses e para as divindades ou entidades através do que come-consome-devora o outro parcialmente. Sendo assim, uma vítima poderia ser comida-devorada parcial ou totalmente. Dependia do contexto, situação, motivações, objetivos e assim por diante. Essas práticas foram bastante comuns em muitas regiões, sociedades e culturas ao longo da história humana.

Portanto, o sacrificante, consumidor ou devorador ao imolar o sacrificado-vítima – apenas o “provava,” o comia parcialmente – mas não se alimentava dele como por necessidade direta (essa perspectiva de total e parcial quanto de direta e indireta podem ser relativizadas de acordo com os contextos, situações, motivações, objetivos etc.).

Sendo assim, a vítima não era um alimento dele, do que comia ou provava.

Desse modo, o canibalismo que vai ser conceituado pelos gregos como antropofagia abarcará tanto ao ato e fato de seres humanos comerem-devorarem-provarem carnes de outros seres humanos quanto de se alimentarem objetivamente ou efetivamente de outros da mesma espécie.

Enfim, a conceituação terminológica de canibalismo para antropofagia enquadrará a todos os modos, tipos e formas de um ser humano “comer”, devorar ou provar a carne de outro da mesma espécie, seja como um alimento direto ou indireto, por em rituais ou não, e assim por diante, seja a vítima ainda em vida ou morta. O simples fato de provar ou comer parcialmente ou totalmente outro da mesma espécie – como alimento ou não, já era configurado antropofagia. Isso para os povos gregos antigos. Porém, é preciso deixar claro que esse enquadramento conceitual e ou terminológico, não inibia, proibia, reprimia ou excluía a prática do canibalismo, agora, como antropofagia.

O CANIBALISMO, AGORA COMO ANTROPOFAGISMO

Saindo do contexto grego, e adentrando pela Europa – a antropofagia, “ou o antigo canibalismo,” mais tarde em certos contextos sociais, políticos, econômicos e históricos, no caso específico aqui dos romanos, que também possuíam seus elementos ou resquícios de tais práticas – e que com o passar dos tempos foram se transformando, logo foram sendo consideradas como algo “incomum,” e assim, tão logo criticadas direta e indiretamente por alguns pensadores e escritores romanos, como Ovídio (2019), Cícero (2017), Virgílio (2021) e outros. Que exultavam uma Roma superior a outras sociedades não civilizadas. Cada um fez suas críticas a seu modo, tanto as divindades, sacrifícios humanos e práticas de consumo em partes ou total de seres humanos pela mesma espécie.

E isso por dois motivos. Em primeiro lugar para apontar tais fatos da antropofagia como práticas não virtuosas, não humanas, não civilizadas e, portanto, sendo condenáveis por certos eruditos da época e contextos do suposto auge do desabrochar do império romano. Que ainda não era um

império, mas já estava passando por transformações em sua República – e que tão logo se tornaria em um império. Aqui estaríamos na esteira e virada do século I a.C. para o século I d.C.

O segundo motivo era ou foi o de distanciar Roma e sua cultura de tais práticas tidas como abomináveis, e assim elevar o ideal da cultura, cidadão e sociedade romana a um certo patamar de superioridade celestial, melhor, divinizada e “civilizada”. Ainda que o termo civilizado não se refira ao mesmo que compreendemos em nossa contemporaneidade. Até porque as palavras mudam, assim como os seus sentidos e significados pelos novos usuários. Inclusive nesse segundo motivo também se insere o distanciamento das culturas e sociedades que deram origem a Roma, como os próprios etruscos e tantos outros – considerados mais incivilizados e “atrasados” do que civilizados.

Não é de se admirar que os historiadores romanos ao fazerem “suas pesquisas, narrativas, construções, edições e descrições historiográficas” – irão aproximar as origens de Roma mais próximas dos gregos do que de suas raízes etruscas e outras. Isso pelo fato daquelas serem consideradas “avançadas e estas atrasadas.” Entretanto, antagonicamente e paradoxalmente, os romanos continuam muitos elementos e traços da cultura etrusca, assim como de tantas outras. Uma vez que a sociedade, cultura e formação de Roma se dá a base de várias outras sociedades e culturas. Ou seja, ela não surgiu do acaso e nem tão pouco de um único povo, cultura e sociedade. Mas, o fato é que eles se identificavam mais com os gregos do que com os demais povos da região. Por esses e tantos outros motivos, é que os intelectuais e eruditos da Roma antiga tentavam se desvencilhar das suas raízes e origens que comprometessem seu ideal de civilização divina. O que paradoxalmente sacrificavam humanos aos deuses em favor de Roma.

Dessa forma, mesmo com as críticas à antropofagia feita por certos sujeitos e grupos desde a Grécia e da Roma Antiga, isso não fez com que tais práticas fossem excluídas, banidas e/ou eliminadas das suas sociedades, povos e culturas.

Também há relatos na Bíblia sobre tais assuntos ou temas, isso no antigo testamento ou Torá – considerando esta como uma espécie de fonte literária – veremos que durante os processos sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos dos israelitas – isso em suas guerras, conflitos e embates com outros povos e culturas – como entre eles mesmos, que práticas de antropofagia foram a única forma de alguns sobreviverem, tanto por causa da escassez de alimento quanto pela falta dele, assim como por questões de pobreza e miséria total (BÍBLIA, 2010, 2017, II Reis, cap. 6; JOSEFO, 2007).

Dito de outra forma, na Bíblia também há vários relatos sobre sacrifícios humanos direto e indiretamente. Assim como canibalismos de israelitas para com israelitas, e para com outros não israelitas – isso devido às situações de extrema fome e miséria. Onde mães chegaram a comer, se alimentar ou devorar os próprios filhos literalmente. Alguns desses israelitas que praticaram a antropofagia às vezes sobreviviam, isso em certos casos, já outros por um curto período – e em outros casos, mesmo assim acabavam morrendo pela pobreza, miséria e fome extrema. Já que o contexto era difícil e dramático.

Saindo da questão da antropofagia e adentrando na questão de sacrifícios humanos, a Bíblia também pode fornecer informações sobre o assunto, a exemplo, no livro de Gênesis cap. 22, o patriarca Abraão iria sacrificar seu filho Isaque. Há várias causas, motivos e influências sobre tal fato. O que pode gerar inúmeras interpretações, além das tradicionais, conservadoras e convencionais (BÍBLIA, 2017, Gn., cap. 22).

Por mais que Abraão não sacrificou a Isaque, abrem-se margens para se especular se não era uma prática comum no meio desses povos nômades, que iriam dar origem também aos povos tidos como Hebreus e mais tarde israelitas – o sacrifício de seres humanos. Nesse caso em específico não era por questões de antropofagia, mas apenas um tipo de ritual e sacrifício de seres humanos vivos aos deuses. Ainda que alguns mencionem certo monoteísmo inserido nesse cenário e contexto, o fato é que tanto Abraão quanto os seus seguiam mais de uma divindade (JOSEFO, 2007).

Portanto, Abraão poderia estar sob ou em um lapso de transe místico-religioso, sob forças psíquicas, supostamente espirituais, misticismos

ou até mesmo de estresse da vida no deserto ou vestígios de problemas de saúde mental – como talvez esquizofrenia etc., e que quase sacrificou o próprio filho – abrem-se enormes possibilidades de tais práticas religiosas, místicas e mágicas terem sido comuns aos povos nômades e viajantes daquela época e contexto. Inclusive por terem contato com vários outros povos, culturas e religiões daquelas regiões que praticavam tanto rituais de sacrifícios com seres humanos quanto de antropofagias (JOSEFO, 2007). Ou seja, havia indícios de trocas e antropofagismos diversos, sejam culturais, místicos, religiosos e dentre outros – isso entre os povos, civilizações, culturas, religiões e indivíduos que viveram muitos séculos antes da era cristã.

Desse modo, é observável que a antropofagia atravessou os séculos antes da era cristã desde as regiões da Ásia, África, Oriente e Europa e adentrou por muitos séculos posteriores há tal era, inclusive chegando ao nosso atual século XXI d.C. com práticas antropofágicas de inúmeras formas, tipos e modos – isso para atenderem a diversos fins, objetivos e necessidades das sociedades desses contextos, “as sociedades modernas e pós-modernas.” Sendo a antropofagia ou as antropofagias manifestas desde a forma literal quanto a figurada e simbólica, da cultural, mística, militar, econômica, religiosa à política.

Ou seja, ela não esteve/está – e nem é restrita apenas em antigos rituais de sacrifícios humanos. A prática da antropofagia está além de rituais místicos e religiosos. Já que ela também atende a interesses políticos, subjetivos, objetivos, econômicos etc.

Logo, é possível dizer que rituais de e com sacrifícios humanos, assim como práticas antropofágicas foram evidenciadas em e entre povos e culturas diversas, como as etruscas, egípcias, latinas, sabinas, gregas, judaicas e romanas – assim como também entre normandos, sumérios, mesopotâmicos, babilônios, persas, fenícios, celtas, turcos, saxões, germânicos, pela região da Escandinávia e dentre tantos outros lugares, povos, sociedades e culturas (VRGÍLIO, 2021; JOSEFO, 2007; BÍBLIA, 2010, 2017; VICO, 2008; GIORDANI, 1974, 1978; MONTAIGNE, 2018; LANGER, 2004).

Podemos então concluir que a prática do antropofagismo ou canibalismo não nasceu com os povos africanos e indígenas, mas sim que foi uma realidade ocorrida há mais de 3.000 mil anos e bem antes da era cristã, e em diferentes culturas e sociedades – isso nos é pelos processos sócio-históricos e culturais. E sendo tais práticas realizadas ou executadas por diferentes motivos, ocasiões, razões, contextos, significados, sentidos e objetivos.

Muitos rituais místicos “religiosos” antigos que sacrificavam seres humanos, também em muitos casos de alguma forma, tipo e modo, direto e/ou indireto, possuíam rituais de comer partes do sacrificado ou beber o sangue dele (realidade ainda presente na modernidade e evidenciadas pelos críticos romanos mencionados e seus respectivos contextos e origens ou raízes sociais, culturais e históricas).

Às vezes em certos rituais se comiam o sacrificado por completo. Sem mencionar as hipóteses de seres humanos famintos que devoraram ou devoravam literalmente outros seres humanos pela fome, miséria e escassez de alimentos.

Parece algo estranho, mas há casos recentes de tragédias de aviões e outros tipos, em que seres humanos devoraram o cadáver dos outros. Ou seja, pela fome. Isso para não morrerem e como instinto de sobrevivência. Também não precisamos delinear ou descrever os inúmeros casos de antropofagia por “rituais de passatempo” etc. Aqui me refiro aos sujeitos que sentiam, e que ainda há, logo sentem prazer em devorar outros da mesma espécie como um tipo, modo ou forma de “passatempo.” Mas, há um certo rito em e no jogo de tais antropófagos.

Com isso, é observável que tanto a fome ao extremo e sujeitos sob certas condições extremas – podem fazer com que seres humanos se devorarem uns aos outros vivos ou mortos. Seja por necessidades, rituais, mero prazer ou “passatempo.”

Importante dizer, que isso o que estamos expondo e refletindo não é colocar a necessidade de sobrevivência humana e em certas circunstâncias em paridades juntamente com atos e práticas místicas, mágicas, religiosas e

de passatempo em que seres humanos devoram seres humanos, sejam vivos ou mortos. Em rituais ou não.

O fato aqui é que a consumação da espécie humana pela própria espécie, seja em partes ou total, em vida ou morte, independente da motivação e necessidade, já é considerada e configurada um tipo e modo de prática de antropofagia ou canibalismo.

Sobre essas questões práticas há inúmeras evidências, fatos e registros históricos, literários, artísticos e arqueológicos sobre tais eventos nos e dos povos da Mesopotâmia, Egito, Etrúria, Roma e tantos outros. No caso grego em específico, e apenas como um exemplo artístico, literário, histórico, simbólico etc., os constantes rituais e sacrifícios ao Minotauro, no qual Teseu, o herói grego, o matou e se salvou – já que o Minotauro era alimentado por seres humanos – tais fatos e eventos, ainda que literários, artísticos e históricos podem ser uma de várias amostras das evidências históricas sobre o tema e assunto da antropofagia ritualística, “por passatempo” ou por necessidade e sobrevivência de quem sacrifica e consome o sacrificado. Vale lembrar que o Minotauro poderia ser um tipo de líder religioso com uma fantasia e não um ser-monstro mítico e místico em si. Há muitas obras de artes e literaturas de povos antigos como romanos, gregos, egípcios, persas, germanos etc., que expõe a prática da antropofagia de inúmeras formas, tipos, objetivos e necessidades (VIRGÍLIO, 2021; BULFINCH, 2009; VICO, 2008; COMMELIN, 2017; COLEMAN, 2018; ELIADE, 2014, 2017; LANGER, 2004; HOBBSAWM, 2011; JOSEFO, 2007; BÍBLIA, 2010, 2017; GIORDANI, 1974, 1978; MONTAIGNE, 2018; CAMPBELL, 2013).

Ainda quanto a questão da prática da antropofagia entre e nos povos antigos que irão fundar a Europa e outros da região podemos citar Vico, 2008, pp. 86-92 quando menciona vários povos, culturas e reinos daqueles continentes que praticavam rituais de sacrifícios com seres humanos e até mesmo antropofagias ou canibalismos – isso com ou desde os povos Saxões, germanos, gregos, fenícios, egípcios, persas, troianos, gauleses, celtas, noruegueses, chineses, normandos etc., onde em alguns casos também se comiam a carne ou bebiam o sangue do sacrificado – como práticas

relacionadas ao e de enaltecimentos, sejam da vida, da coragem, devoção, confiança, temor, destemor, obediência e conexão com os deuses ou divindades.

Vale esclarecer mais uma vez, que não estamos nem mesmo inferindo e inserindo a antropofagia como meio de necessidade alimentar ao extremo e sob certas condições e contextos também extremos – como no caso de fomes e misérias aos extremos, por pobreza etc.

É importante deixar claro que a reflexão em tela não é uma apologia à antropofagia. Mas uma reflexão sociológica, antropológica, psicanalítica, histórica e também, ou fundamentalmente, política ou pela ciência política.

Ou seja, as reflexões em tela são tanto pela perspectiva, área e campo da filosofia política quanto da ciência política. Já que conforme o filósofo Aristóteles (2004), a espécie humana é naturalmente política por natureza, talvez essencialmente (AUTOR, 2020). Veremos tais detalhes mais adiante, assim como seus esclarecimentos e contextualizações – isso de tais categorias e práticas antigas ocorridas em várias sociedades e culturas humanas. Tanto literal quanto figurada e simbólica.

É preciso também mencionar que todas elas estão entrelaçadas em si, isso pelas perspectivas sociológicas, antropológicas, psicanalíticas, históricas, psicológicas e também políticas e econômicas. Ou seja, as práticas antropofágicas não são apenas manifestações culturais, literais, simbólicas, ritualísticas, figuradas etc. Elas também são e estão ligadas aos aspectos e âmbitos políticos e de poder, como atitudes políticas e econômicas. Sejam por quais motivos forem, suas influências, objetivos e necessidades. As práticas antropofágicas tinham e têm sentidos, representações e significados diversos.

Passado a era da idade antiga, o período medieval também não fugiu das práticas de antropofagias ou canibalismos. Fossem eles realizados em práticas e manifestações místicas, ritualísticas e religiosas quanto por questões de fome e miséria.

Desde os séculos X d.C. ao XIV d.C. houve relatos de práticas de canibalismo pela fome e miséria pelos povos da Europa. Ora, a isso nos recordamos de que quando os colonizadores chegaram nas terras indígenas,

mais tarde denominadas de Américas, se espantaram ao ver rituais com práticas de sacrifícios humanos e canibalismos, o que eram ou foi, ou talvez havia sido bem comum e frequente em quase toda a história da Europa até aquele presente século XV e XVI d.C., dos colonizadores diante de todos os povos indígenas a serem colonizados na futura América (COULANGES, 2004; FRANCO JR, 1983; VICO, 2008; BATAILLE, 2016; ELIADE, 2014, 2017; LANGER, 2004; JOSEFO, 2007; BÍBLIA, 2010, 2017; BERBARA, 2020; BUENO, 1999, 2003; CAMINHA, 2016; COLOMBO, 2000; GIORDANI, 1974, 1978; MONTAIGNE, 2018; CAMPBELL, 2013). Aos expostos acima e sobre as evidências de práticas de antropofagia na Europa medieval, corrobora Franco Jr. (2004):

Esse fato talvez esteja ligado à reorganização promovida pelos Carolíngios, e talvez ajude mesmo a explicar a expansão territorial realizada por Carlos Magno. Contudo, essa recuperação foi desigual no tempo e no espaço. Em muitos locais, em muitos momentos, a fome e a mortalidade continuavam acentuadas. Uma crônica da região do Mosela afirma, em fins do século VIII, que “os homens comiam os excrementos uns dos outros, homens comiam homens, irmãos comiam seus irmãos, as mães comiam seus filhos” (FRANCO, JR, 2004, p. 07).

Franco Jr., nos deixa conscientes quanto a partes das realidades e dos fatos contextuais do medievo, de seus dilemas sociais, culturais, políticos e econômicos.

Após os movimentos e processos de colonização europeia, o surgimento do capitalismo comercial e/ou mercantilista, do capitalismo industrial e atualmente financeiro, ainda foram evidenciadas diversas formas, tipos, modos e práticas de antropofagias, tanto literais, quanto simbólicas e figuradas na história humana ou de muitos povos, culturas e nações. Mas a historiografia europeia e dominante deu conta de fornecer apenas tais práticas relacionadas aos povos africanos e indígenas em e por seus rituais. E em alguns casos também sobre as práticas orientais e asiáticas.

Entretanto, quando é para se referir ao antropofagismo europeu, geralmente essas correntes historiográficas, sociológicas e antropológicas etnocêntricas, conservadoras, idealistas, apologéticas, eurocêntricas e xenófobas estão sempre ocultando, mascarando e utilizando eufemismos sutis para

apresentar e representar as suas próprias práticas em certos casos incontestáveis e expressivos em sua própria esteira cultural, social e histórica. Ou seja, suas práticas canibais ou de antropofagia são quase invisíveis ou imperceptíveis em suas narrativas e escritas da história. Talvez seja assim pelos motivos como bem destacou certo historiador, no qual irei parafraseá-lo, isso com e pelo seu eurocentrismo e etnocentrismo, talvez sarcástico, irônico ou realmente ideal: “a Europa nasceu e se formou para educar e civilizar o mundo” (LE GOFF, 2014).

Porém, como já apresentado pelas menções de Virgílio, Cícero, Vico, Coulanges, Franco Jr., Eliade, Langer, Giordani e Campbell – no qual tais autores abordam de alguma forma tanto direta quanto indiretamente as práticas de sacrifícios humanos em rituais místicos e religiosos no cenário e contexto europeu quanto de práticas antropofágicas – isso em diferentes contextos ou eras – e por inúmeras motivações, sentidos, significados, objetivos, situações e finalidades. Em alguns autores há certa clareza sobre tais fatos – já em outros há eufemismos ou exposições nas entrelinhas de suas observações e escritos.

Entretanto, mesmo assim pouco ou quase nada se é produzido e reproduzido claramente sobre essas práticas europeias, assim como o fato de milhares europeus se devorarem pela fome e miséria durante o processo de construção e formação da Europa. Se devoravam literalmente quanto figurativa e simbolicamente. Muitas dessas práticas ocorreram em regiões diferentes daquele continente, situações diferentes. Motivações distintas e contextos distintos. Sobretudo na esteira dos processos do período histórico do medievo quanto da transição deste para o capitalismo mercantilista e industrial (FRANCO, JR, 2004).

Importante frisar que mesmo os povos indígenas naqueles seus contextos e de suas culturas durante o processo de colonização europeia, ao praticarem antropofagias, não o faziam por fome e/ou miséria, mas em certos rituais, contextos e momentos específicos.

Diferentemente dos europeus que em boa parte se devoravam por fome e miséria. Ou seja, a antropofagia indígena, não eram práticas de famintos, desesperados, necessitados, miseráveis e nem por passatempo. Sobretudo oriundas de desigualdades e injustiças sociais, políticas e econômicas. E sim

uma certa prática com contextos, finalidades e modos bem específicos. Com isso, fica observável cada vez mais que a antropofagia possui muitas facetas ao longo da história humana e suas inúmeras sociedades, povos e culturas (MONTAIGNE, 2018).

Mas, a historiografia, antropologia, sociologia e arqueologia dominante, hegemônica e oficializada pelos euroamericanos não demonstram tais fatos históricos, e nem tão pouco o da antropofagia deles e entre eles, até mesmo sobre os outros diferentes deles (tanto povos quanto culturas, seja simbólicas e/ou literais), mas sim apenas e sobretudo as dos povos e culturas indígenas e africanos em seu passado e no contexto das colonizações dos sécs. XV a XVII d.C., talvez até mesmo até o século XIX d.C.

Um bom exemplo de práticas antropofágicas na Europa após os períodos medievais dos sécs. XIV d.C. e durante as revoluções burguesas e industrial dos sécs. XVI ao XIX d.C., foi justamente a transição dos miseráveis famintos da Europa entre a era feudal para a capitalista comercial e industrial, o que levou inúmeras pessoas à fome, à miséria e às novas práticas de antropofagia. Inclusive também entre esses processos havendo aqueles em que as praticavam seja por rituais, fome, misérias quanto por passatempo. Mas o que isso tem a ver com a política? Ou seja, como isso se relaciona com o Antropofagismo Político ou Canibalismo Político Moderno? Práticas simbólicas e figuradas como instrumentos de apropriação do outro e de suas qualidades, um ensaio?

ANTROPOFAGISMO POLÍTICO OU CANIBALISMO POLÍTICO MODERNO? UMA ANÁLISE DE E PELA CIÊNCIA POLÍTICA

Ora, vamos nos restringir aos fatos apenas no Brasil nesse momento. Mesmo eles podendo ser estendidos a outros povos, culturas, sociedades, continentes, países e seus respectivos campos e sujeitos políticos. Iremos ficar com as reflexões restritas ao Brasil atual. Mas isso não impede que em exercícios de abstrações as relacionemos e as comparemos com ocorrências em outras nações, regiões e continentes.

O Brasil é um país de culturas de antropofagias diversas, sejam elas indígenas, africanas, europeias e americanas que aqui residem, transitam e atuam. Antropofagias figuradas, culturais e simbólicas. Ou seja, devoram e são devoradas. Talvez haja como a relacionar direta ou indiretamente a antropofagias literais e por passatempo, ou também a rituais sem a consumação direta do outro, talvez apenas simbolicamente. Isso pode ser relativo.

Sendo assim, quanto ao nosso objeto de reflexão que é a questão política, ela é, portanto, mais limitada ou restrita ao aspecto, âmbito e modo simbólico, figurado e tipológico.

Talvez o fato de um político ou sujeito de tal esfera assassinar ou mandar sacrificar outro da mesma esfera, isso de ou por alguma forma, com ou sem o consentimento do sacrificado, já que isso pode ser relativo – tal ato e prática talvez possa ser enquadrada também de certo modo e forma como um aspecto não apenas simbólico e/ou figurado de antropofagia, mas talvez até mesmo como sendo literal.

Isso porque a antropofagia política ou o Canibalismo Político Moderno estão centrados numa figura política e especializada nela. Isso a ritualizá-la ou simplesmente sacrificá-la e/ou consumi-la, seja literalmente com, através e por meio da morte ou execução do sacrificado-vivo-morto quanto simbolicamente, literalmente e/ou figurativamente.

Ou seja, um sujeito ou grupo irá sacrificar, executar e matar um outro do âmbito e esfera política como uma forma de devorá-lo, consumi-lo e/ou também se alimentar dele, e assim tentar se apoderar das posses, qualidades e bens do sacrificado e devorado. Sejam bens, qualidades e posses diretas e indiretas, concretas e abstratas, literais e figuradas. Também simbólicas. Talvez nesse momento possamos invocar e relacionar tais fatos com as teorias políticas da obra O Príncipe de Nicolau Maquiavel. E também com as pesquisas antropológicas, sociológicas, históricas, filosóficas e dentre outras de FRAZER, 1984; DURKHEIM, 2014; TURNER, 2005; MAUSS, 1987; BARTH, 2000 e VAN GENNEP, 1996, que abordam entre tantos outros assuntos, às questões de transições, de poder, de política, status social, cultural, econômico etc. – e estes

ligados ao poder mágico, místico, religioso, simbólico, econômico e de controle de uns sobre outros.

Tais fatos em alguns casos, povos e culturas específicas (Mas que não deixam de ser espelhos para nós e nossas sociedades).

Além disso, essas transições envolvem também rituais de passagens e de pedagogias que dividem os grupos envolvidos nas tais sociedades entre superiores e inferiores, poderosos e não poderosos – isso se evidenciando de alguma forma, em algumas culturas e em alguns contextos – assim como pode ser observável entre os mestres e discípulos, os especializados e os não especializados, os iniciados e os não iniciados, vítimas e algozes, caos-ordem-caos-ordem, controle da natureza e das naturezas e de suas forças, disciplinas, e assim por diante (FOUCAULT, 2012). Mas, sobretudo e fundamentalmente, as obras dos autores mencionados no parágrafo anterior, bem como suas observações e comentários em tais obras – envolvem os aspectos dos rituais, dos sacrifícios, da magia e da morte. Ou seja, isso pelo exercício do poder e controle do imaginário social, das mentes e corpos dos sujeitos e assim por diante.

Enfim, podemos perceber que há aqueles que são os sacrificadores, assim como há aqueles que serão os sacrificantes e consecutivamente há aqueles que serão os sacrificados.

E tudo isso envolve procedimentos, práticas e modos de se agir para ritualizar e mistificar o processo de sacrifício, morte e tão logo a antropofagia (por e em vários sentidos, formas, âmbitos, tipos, modos e aspectos), isso nos casos em que ela há ou deve ser literalmente quanto simbolicamente e/ou figurativamente. E assim ocorre com a antropofagia política ou o Canibalismo Político Moderno. Tanto no Brasil como talvez no globo.

Moderno porque em O Príncipe de Nicolau Maquiavel se é possível averiguar a forma com que um líder, governante ou especializado político e politicamente tenta e deve fazer para se manter no poder e sob o controle do mesmo, bem como inutilizar e imobilizar seus atuais e futuros adversários (que corrobora com análises de Frazer (1984) sobre os reis chefes ou líderes mágicos,

feiticeiros ou xamãs). Ou seja, nesse momento podemos refletir com Maquiavel e Frazer conjuntamente sobre antropologia, sociologia e política.

E se relacionarmos essas observações (digo dos teóricos mencionados), tais análises, teorias e seus aspectos com os aspectos das simbologias, tipologias, significados e objetivos de certos rituais de sacrifício humano e antropofágicos, poderemos ver que a consumação e destruição do outro na arena social, cultural e política não fica restrita apenas pelo aspecto, visão, concepção e ótica da filosofia, sociologia, política, história, ciência política e outras – mas também pela antropologia filosófica, cultural, social, religiosa e política – uma vez que enquanto eu devoro o outro – eu o destruo em parte ou totalmente – e simultaneamente eu adquiero as capacidades, instrumentalidades, poderes, habilidades, influências e domínios do outro que foi ritualizado, sacrificado, devorado e destruído.

Era exatamente desse modo que muitas sociedades e culturas criavam o imaginário de controle social, do caos, administração do presente, controle sobre o mal e o futuro – assim como a obtenção das posses por meios dos que consomem os que são ou aqueles que são sacrificados, consumidos e devorados antropofagicamente falando.

Talvez, desde o início desta obra e nas entrelinhas das discussões sociológicas, antropológicas, históricas, políticas e psicanalíticas sobre as relações de rituais, sacrifícios e antropofagias dos e entre os povos de culturas diferentes – sobretudo dos eurocentrismos e americanismos sendo devoradores e devorados – bem como as relações de todas essas estruturas, processos, movimentos e conjunturas com a política e a economia – indiretamente podemos perceber a presença marxiana conectando as culturas e produções materiais humanas. Ou seja, há um espelhamento com e entre, talvez através e/ou por meio dos povos, culturas e sociedades tidas como primitivas e selvagens com e entre nós. Digo isso relacionando as formas de organização social, cultural, exercício do poder, do controle e da manipulação política de uns sobre outros – para que os mais “fortes, aptos,” talvez espertos, devorem os despercebidos – seja literalmente quanto simbolicamente e figurativamente. E o que Marx tem a ver com isso? Ora, as práticas de exploração, colonização, expropriação e

alienação do outro também são uma forma de antropofagia. Em vários sentidos, âmbitos e aspectos. Em diferentes níveis, graus, tipos e formas.

Desse modo, quando refletimos nos parágrafos anteriores sobre as obras de FRAZER, 1984; DURKHEIM, 2014; TURNER, 2005; MAUSS, 1987; BARTH, 2000 e VAN GENNEP (1996) e as relacionamos com O Príncipe de Nicolau Maquiavel (2008), podemos não apenas observar uma ciência política a nosso respeito, digo das sociedades humanas, em geral, mas também uma sociologia e antropologia política que demonstra nossas práticas diretas e indiretas, literais, figuradas e simbólicas de canibalismos ou antropofagias diversas e/ou inúmeras.

Portanto, poderia inferir que o sistema capitalista é uma forma, modo, tipo e espécie de antropofagia nacional, regional, continental e global. Atuante desde o aspecto social, econômico, político, financeiro etc.

Enfim, do figurado, simbólico ao literal. Do antropológico ao político e dentre outros.

Logo, esses tipos, modos, práticas, características e aspectos de antropofagias ou Canibalismos Políticos Modernos, são modernos porque vemos seu esclarecimento e relações no Príncipe de Nicolau Maquiavel, que deixa profundas reflexões de observações da prática política antiga até a sua contemporaneidade do século XV e XVI d.C., isso para a modernidade que se adentra.

Reflexões e observações de práticas essas, de como se devorava e se devora um oponente e/ou adversário da e na arena política. Ou seja, o devorando parcial ou totalmente, simbolicamente, figuradamente e/ou literalmente.

Mas, é evidente que ele, Nicolau Maquiavel não diz ou dizia nada dessa maneira – e nem menciona nada sobre a antropofagia – talvez não diretamente, mas a relação que aqui fizemos e que é exposta, além de ver a obra do autor com novos olhares, abordagens e reflexões – assim também podemos observar na mesma obra do referido autor, certa antropofagia implícita, inclusive deixando nítido que em nossas reflexões não contém equívocos, devaneios, arbitrariedades, contradições e controvérsias em relacionar e aproximar tal obra de Maquiavel, com a temática e assunto em discussão, o antropofagismo político

ou o canibalismo político moderno – e assim os relacionando a ciência política e a antropologia cultural, social e política.

CONCLUSÕES

Dessa forma, na reflexão em tela não há ou contém quaisquer equívocos, arbitrariedades, contradições e controvérsias em fazer aproximações e extrair reflexões que contribuam com as teorias da ciência política e reflexões também para a antropologia, sociologia, filosofia, historiografia etc., isso ao relacionar que nos embates, disputas e conflitos políticos também contém rituais de passagens, rituais de controle, rituais de obtenção de poder, rituais de sacrifícios humanos, rituais de antropofagias e práticas de antropofagias políticas diretas e indiretas, simbólicas e figuradas. Talvez beiremos a antropofagia política no sentido literal. Entretanto, não saberíamos dizer ou informar com certeza.

Assim sendo, podemos observar que o Antropofagismo Político ou Canibalismo Político Moderno, Práticas simbólicas e figuradas como instrumentos de apropriação do outro e de suas qualidades, um ensaio – tende a evocar relevantes reflexões sobre as relações entre antropofagia e política, inclusive que autores como MAQUIAVEL, FRAZER, DURKHEIM, TURNER, MAUSS, BARTH, VAN GENNEP, MARX, ENGELS e outros podem não se excluírem – mas, se complementarem para novas análises socioculturais, políticas e sobre outros contextos.

E com isso, nos trazerem importantes elucubrações para a prática e teorias políticas brasileiras. Sobretudo para se analisar e se refletir sobre o sistema capitalista, seus processos e fases pela mesma perspectiva – isso no que diz respeito como um sistema antropofágico e com aparelhos e tentáculos também antropofágicos.

Ora, é importante dizer que as reflexões em Marx e Engels foram também pontes cruciais e fundamentais para se chegar a tais observações, descrições e conclusões. Podendo ser observadas como fios condutores de tais reflexões. A exemplo da obra a Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra e dos Manuscritos Econômicos Filosóficos.

Sendo assim, acreditamos que tenha ficado esclarecido que a prática ou as práticas, modos, tipos e formas de antropofagias do passado nos fizeram chegar nas antropofagias do presente. Das literais as simbólicas e figuradas. Incluindo aspectos não apenas místicos, religiosos, mágicos e culturais – mas também e fundamentalmente os políticos e econômicos. O que além de serem reais e factuais estão diretamente interligados a tais práticas – ou seja, são imanentes e inerentes às esferas sociais, culturais, místicas, religiosas e de mediações nas e das relações sociais. Isso quer dizer que os aspectos e âmbitos políticos, culturais e econômicos são ligados ou intrínsecos aos sociais. Enfim, todas essas áreas e aspectos de uma sociedade estão interligadas e imbricadas, funcionando conjuntamente nas estruturas e conjunturas sócio-históricas.

Concluimos informando que na virada do século XIX d.C. para o XX d.C. as manifestações e práticas antropofágicas ganham novas roupagens, formas, tipos, sentidos, significados e fórmulas para sua aplicabilidade extensa, contínua e constante sobre as sociedades e os indivíduos. Tanto sobre países, culturas e nações na totalidade – fatos que ocorrem sob a regência e comando do sistema capitalista e seus centros de poder hegemônico global.

Ora, não seria espantoso dizer que o referido sistema possui suas várias formas, tipos e modos de pedagogias para as sociedades e especificamente para cada continente. E uma delas é a maneira com que o sistema perpetra suas práticas antropofágicas – diretas e indiretas, literais, figuradas e simbólicas. As novas guerras, as novas colonizações e os novos processos e procedimentos de neo ou recolonizações e expansões por parte das nações dominantes, hegemônicas e opressoras são um bom exemplo das pedagogias antropofágicas do capitalismo e seus *modus operandi* – tanto de dominação, controle e ordem quanto de explorações e expropriações.

E a antropofagia política é mais uma das formas, tipos e modos das relações de força, controle e poder de uns sobre outros – assim como a dominação econômica e as invasões militares.

Sendo ambas partes de processos de devoração dos outros, seus povos, culturas e economias – os lançando “ao estômago digestivo do sistema,” bem como os dominando, se apropriando deles, de suas qualidades, bens e riquezas,

e os controlando – e simultaneamente a isso, ainda fazem com que tais povos e seus sujeitos “se devorem entre si” – e isso em vários sentidos, âmbitos e aspectos. O que fica notório que o sistema capitalista não possui quaisquer compromissos e responsabilidades para com os direitos humanos e direitos internacionais – uma vez que estes são contra ou contrários à sua própria existência, essência, permanência e perpetuação – digo do referido sistema, o capitalista. Enfim, o referido sistema nos educa como devorar os outros por várias formas, modos, sentidos e aspectos, do simbólico ao literal.

Logo, direitos humanos e direitos internacionais sob a égide, controle e regência do sistema capitalista são apenas instrumentos e ferramentas conceituais, eufemistas, de manipulação política, ideológica e militar para promover e conduzir a devoração de sujeitos, sociedades, povos, culturas, tradições e países na totalidade. Ou seja, são argumentos e práticas objetivamente antagônicas e paradoxais com fins a fantasiar realidades, controlar fatos com objetivos a atender aos interesses pessoais de pequenos grupos dominantes, e gerar ficções e alienações para devorar sujeitos e povos inteiros – com fins a se apropriar de suas qualidades, bens e riquezas – pessoais e territoriais.

Talvez esse trabalho denominado Antropofagismo Político ou Canibalismo Político Moderno – Práticas simbólicas e figuradas como instrumentos de apropriação do outro e de suas qualidades, um ensaio – possa trazer luzes sobre as inúmeras práticas, tipos e modos de antropofagias. Das literais as figuradas e simbólicas.

REFERÊNCIAS:

ALTHUSSER, L. **Aparelho Ideológico de Estado** (AIE). Rio de Janeiro. Graal, 1987.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ASCH, S. E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Nacional, 1977.

BARTH, F. **O guru e o iniciador e outras variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BATAILLE, G. **Teoria da Religião**. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2016.

BÍBLIA. Em Ordem Cronológica, NVI. São Paulo. Editora Vida, 2010.

BÍBLIA. Editora: Paulus, 2017.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa. Editora: Fim de Séculos, 2003.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2012.

BUDGE, E. A. W. **As ideias dos Egípcios sobre a vida futura**. São Paulo. Madras, 2010.

BUDGE, E. A. W. **O Livro dos Mortos do Antigo Egito**. São Paulo. Madras, 2019.

BULFINCH, T. **O Livro da Mitologia**. São Paulo. Martin Clarent, 2009.

CAIRNS, E. E. **O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CARNOY, M. **Estado e teoria política**. São Paulo. Campinas: Papyrus, 1990.

CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus – Vol. 1–3**. São Paulo. Editora: Palas Athena, 2013.

CAMPO, L. A. **Dicionário básico de Antropologia**. Equador: Abya-Yala, 2008.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASTRO, C. **Textos Básicos de Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CÍCERO, M. T. **Da Natureza dos Deuses I. João Pessoa**. Ideia, 2017.

CLASTRES, P. **A Sociedade contra o Estado**. São Paulo. Cosac & Naify, 2012.

CLASTRES, P. **Arqueologia da Violência**. Pesquisas de Antropologia Política, São Paulo, Cosac & Naify, 2015.



COLEMAN, J. A. **O Dicionário de Mitologia**. São Paulo: Pé da Letra, 2018.

COMMELIN, P. **Mitologia Grega e Romana**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

COULANGES, F. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

AUTOR. **O Animal Essencialmente Político**. Piauí - Cadernos Do PET Filosofia, 10(19), 58-69. UFPI, 2020, Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/1967>

AUTOR. **O que é história, o sentido da história e a historiografia**. Oficina do historiador, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/38960>

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Rio de Janeiro: Paulus, 2014.

ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas: Vol.1-3**. Rio de Janeiro. Zahar, 2014.

ELIADE, M. **Sagrado e o Profano: A essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

ENGELS, F. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo. Boitempo, 2014.

FERNANDES, F. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo. Nacional. 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir—História da Violência nas Prisões**. Rio de Janeiro. Vozes, 2012.

FRANCO JR, H. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo. Brasilense, 1983.

FRAZER, J. G. **O Ramo de Ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1984.

FREUD, S. **O Mal-estar na Civilização**. São Paulo: L&PM, 2011.

FREUD, S. **Psicologias das Massas e Análises do EU**. São Paulo. Editora: L&PM, 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIORDANI, M. C. **História da Antiguidade Oriental**. Rio de Janeiro. Vozes, 1972.

GIORDANI, M. C. **História dos reinos bárbaros**. Rio de Janeiro. Vozes, 1974.

GIORDANI, M. C. **Antiguidade Clássica, História de Roma**. Vozes, 1978.

GOODY, J. **O Mito, O Ritual e o Oral**. Rio de Janeiro. Vozes, 2017.

HOBBSAWM, E. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JAEGER, W. **Paidéia - A Formação do Homem grego**. São Paulo. Editora: Martins, 1995.

JOSEFO, F. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro. CPAD, 2007.

LANGER, J. Midwinterblot: **O Sacrifício Humano na Cultura Viking e no Imaginário Contemporâneo**. Universidade Estadual do Maranhão. Revista de Estudos Celtas e Germânicos Brathair: Brathair 4 (2), 2004: 61-85. ISSN 1519-9053.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

LE GOFF, J. **Uma Breve História da Europa**. Rio de Janeiro. Vozes, 2014.

MAQUIAVÉL, N. **O Príncipe**. São Paulo. Martin Clarent, 2008.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural. v. 1, 1988.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo. Martin Clarent, 2004.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MAUSS, M. & HUBERT, H. “**Ensaio Sobre a Natureza e a Função do Sacrifício**”. In MAUSS, M.: Ensaaios de Sociologia, pp. 141-227. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MONTAIGNE, M. **Ensaaios**. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.

NICHOLS, R. H. **História da Igreja Cristã**. Rio de Janeiro. Editora: Cultura Cristã, 2008.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. São Paulo. Editora: 34, 2019.

SAHLINS, M. **História e Cultura – Apologia a Tucídides**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SAHLINS, M. **Como pensam os ‘nativos’**. São Paulo. EDUSP, 2019.

SALINAS, S. S. **Do feudalismo ao capitalismo: transições**. São Paulo. Ed. Atual, 2002.

VAIFAS, R. **A Heresia dos índios**. São Paulo. Companhia das Letras, 2021.

VAN GENNEP, A. V. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1996.

VERNANT, J. P. **O Universo, os Deuses, os Homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VICO, G. **Ciência Nova**. São Paulo. Ícone Editora, 2008.

VIRGÍLIO. **Eneida**. São Paulo. Editora 34, 2021.

TURNER, V. **Floresta de Símbolos - Aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EDUFF, 2005.

WAGNER, R. **Símbolos que representam a si mesmos**. São Paulo: UNESP, 2016.

WEBER, M. **Sociologia das Religiões**. São Paulo. Editora: Ícone, 2015.

WOOLF, G. **Religião e Pluralidade no Império Romano**. Curitiba. UFPR, 2021.